

Samey tenta obter empréstimo-ponte em Tóquio

EUGÉNIO NOVAES



Flexa de Lima pediu uma solução para as polonetas

O presidente José Sarney negociará com o presidente dos Estados Unidos, George Bush, em Tóquio, a concessão por parte do tesouro norte-americano de um empréstimo-ponte (entre 3 e 5 bilhões de dólares) ao Governo brasileiro, para salvar o Plano Verão das dificuldades crescentes que está enfrentando em relação à credibilidade junto ao mercado, informou, ontem, credenciada fonte oficial.

A expansão da demanda e o gradativo enfraquecimento da moeda são dois fatores importantes que estão caracterizando o desgatamento do Plano. Eles sómente seriam bloqueados se o Governo dispusesse de recursos suficientes para fortalecer a moeda e reverter as expectativas inflacionárias, que não vêm sendo contidas pela política monetária e fiscal colocada em prática.

Os juros altos não inibem as vendas, que aumentaram em janeiro e fevereiro — segundo interpretam os economistas que acompanham o comportamento do Plano Verão — nem segurando o dólar no paralelo, fatos que demonstram a resistência do mercado à estratégia oficial. Se o Governo dispusesse de dólares suficientes para intervir no mercado paralelo poderia restabelecer maior confiança ao Plano, ao mesmo tempo que poderia manter por mais tempo o congelamento dos preços.

O aquecimento da demanda, segundo a fonte oficial, é um péssimo sinal para a saúde do Plano Verão, que sequer completou dois meses de vida. A combinação do aumento das vendas com a queda da produção, devido ao desaquecimento da economia impulsionado pelas medidas de estabilização monetária e fiscal, poderá ge-

rar consequências funestas, principalmente na área de abastecimento. A reação do mercado ao Plano surpreendeu os economistas da Fazenda. Eles esperavam uma violenta retração do consumo e um grande aumento da poupança. O consumo não recuou ao mesmo tempo que cresce a resistência dos empresários ao congelamento. As empresas estão concedendo férias coletivas aos seus empregados e ameaçando demiti-los, se ao fim das mesmas o congelamento estiver em vigor.

INCERTEZAS

Dante desse quadro que aumenta as incertezas quanto ao futuro do Plano, a decisão oficial de manter uma política monetária super-restritiva começa a ser seriamente questionada dentro do Governo, pois este está acumulando prejuízos financeiros crescentes sem colher resultados esperados a curíssimo prazo. Pelas avaliações dos técnicos da Fazenda, se a demanda continuar aquecida em março, como está em fevereiro, representará sinal perigoso no sentido de que a sociedade passou a optar pelo consumo em face da possibilidade do desabastecimento. Este resulta do conflito que se verifica, principalmente, entre a indústria e o comércio, na briga pela manutenção das margens de lucros.

Por enquanto, os técnicos apostam que será possível contornar com relativa facilidade o perigo do desabastecimento, mas temem pela credibilidade do Plano e pelo enfraquecimento crescente da moeda, apesar de o Banco Central continuar executando uma política monetária austera de desestímulo às aplicações em dólar, em estoques e outros ati-

vos reais. Por esta razão, se justifica o esforço que o Governo está fazendo para obter do tesouro norte-americano um empréstimo-ponte para fortalecer o Plano Verão.

TÓQUIO

Os presidentes dos Estados Unidos, George Bush, e do Brasil, José Sarney, se reunirão em Tóquio com o objetivo de fazer uma análise dos problemas econômicos, financeiros e comerciais entre os dois países, segundo se anunciou.

O assessor nacional de segurança, Brent Scowcroft, disse que "o mais importante não é a profundidade com que podem ser abordados esses problemas, mas sim a criação de um clima de entendimento pessoal que facilite depois seu tratamento.

Sarney é o presidente do País com maiores obrigações externas e o quarto dos grandes devedores latino-americanos, com os quais Bush se entrevistou pessoalmente. O primeiro foi Carlos Salinas de Gortari, presidente do México, com quem conversou em Houston; depois foi a Raúl Alfonsín, da Argentina; e finalmente, Carlos Andrés Pérez, da Venezuela.

Os quatro países devem conjuntamente 300 bilhões de dólares que representa 74,8 por cento da dívida latino-americana.

O secretário de Estado, James Baker, disse que a questão do endividamento, especialmente na América Latina, está sendo alvo de uma revisão, mas não indicou mudanças fundamentais do plano que ele mesmo formulou quando era secretário de Tesouro do Governo de Ronald Reagan.